

Luciano Vidigal e a poesia de imagens da periferia

PÁGINA 3



Novo filme com Cillian Murphy agita Mostra de SP

PÁGINA 4



'Judy - O Arco-Íris É Aqui' de volta aos palcos cariocas

PÁGINA 7



2º CADERNO



Fotos/Divulgação

Frankfurt expande fronteiras

Defensora ferrenha da liberdade de expressão em seu país, a turca Elif Shafak (acima) é destaque na programação da feira alemã

O espaço próprio para escritores asiáticos em Frankfurt coincide com a escolha da sul-coreana Han Kang (D) como ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura de 2024

O palestino Atef Abu Saif (E) é autor de um diário sobre a Vida em Gaza após os bombardeios israelenses

Maior feira literária do mundo abre espaço para autores asiáticos, mas sem fugir do debate sobre a questão palestina



Por **Walter Porto** (Folhapress)

A Feira de Frankfurt, maior evento literário do mundo, começou nesta terça-feira (15) com um olho na Itália, o país convidado de honra, e outro na Ásia, que pela primeira vez terá um palco próprio para exibir seus autores e promover debates específicos sobre a região.

O timing não poderia ser melhor, já que a sul-coreana Han Kang acaba de se tornar a primeira autora de seu país a receber o Nobel de Literatura - com uma carreira desenvolvida sem se afastar de suas raízes culturais. Isso pode apontar para um deslocamento dos olhares de um mercado ainda muito eurocêntrico à região, o que já vem acontecendo, por exemplo, na música pop e no cinema de prestígio. A feira é o maior balcão de negócios literários do mundo, marca incontornável no calendário dos principais editores e agentes literários de todos os continentes -além, claro, de reunir autores estrelados. **Continua na página seguinte**

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O longa foi o mais votado pelo público em Vancouver

'Ainda Estou Aqui' conquista mais um prêmio internacional

"Ainda Estou Aqui" venceu mais um prêmio internacional. O longa de Walter Salles baseado em livro de Marcelo Rubens Paiva venceu a categoria "Galas e Apresentações Especiais". A premiação foi concedida pelo Vancouver International Film Festival, no Canadá.

A escolha foi definida por votação popular. O filme brasi-

leiro teve mais de 40 mil votos do público.

O filme foi escolhido para representar o Brasil no Oscar 2025. O filme disputará uma vaga na categoria de Melhor Filme Internacional, cujos dez pré-selecionados serão revelados no dia 17 de dezembro.

Os finalistas serão conhecidos apenas em 17 de janeiro.

O livro da tour

Taylor Swift anunciou o lançamento de "The Official Eras Tour Book", livro que relata detalhes, bastidores, reflexões pessoais e fotos exclusivas da cantora em sua turnê mundial. A novidade foi divulgada em sua conta na rede social X.

Caso Diddy

Novas acusações de estupro e abuso sexual foram registradas contra Sean "Diddy" Combs, incluindo um relato de abuso de um jovem de 16 anos. Ao menos seis novos processos foram adicionados à extensa lista de denúncias contra o rapper.

No 'preju'

"Coringa: Delírio a Dois" segue fracassando nas bilheteiras e deve acarretar um prejuízo histórico à Warner Bros. O filme orçado em US\$ 200 milhões (R\$ 1,1 bi) acumulou mundialmente US\$ 216,5 milhões (R\$ 1,2 bi) em suas duas primeiras semanas.

Caso Diddy II

Desde sua prisão em 16 de setembro por tráfico sexual, Diddy Combs virou alvo de mais de 100 acusações. As seis novas acusações envolvem duas mulheres e quatro homens e foram feitas sob anonimato, com o pseudônimo de "John Doe".

Neste ano, a abertura será feita por Elif Shafak, a escritora mais popular da Turquia e uma advogada feroz da liberdade feminina, o que a coloca em embate direto com o governo conservador de Recep Tayyip Erdogan. A autora, editada no Brasil pela HarperCollins, chegou a ir a julgamento há cerca de duas décadas por "insultar a identidade turca".

Além disso, um novo programa chamado "Frankfurt Calling" se dedica a promover debates políticos mais quentes, recebendo por exemplo o italiano Roberto Saviano, que vive sob esquema rigoroso de segurança depois de sofrer ameaças da máfia, por seu célebre livro-reportagem "Gomorra" - tanto que foi impedido de última hora de vir à Flip em 2015.

E também o palestino Atef Abu Saif, autor de um diário da vida em Gaza após a conflagração da guerra - este, sim, recém-desembarcado desta última edição da Flip.

Não é demais lembrar que a maior polêmica da edição anterior de Frankfurt envolveu a guerra no Oriente Médio. Após os ataques do Hamas, a organização cancelou uma homenagem à palestina Adania Shibli às pressas e sem avisar a autora.

Em um artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo à época, ela disse que o evento se pauta por lógica excludente e "não compreende os obstáculos racistas enfrentados por mulheres do Sul Global".

Nem toda a programação tem potencial tão polêmico, afinal, a feira tem proporções gigantescas e recebe neste ano de cosplayers a autores pop como Matt Haig, de "A Biblioteca da Meia-Noite", e Julia Quinn, da série "Bridgerton".

Uma das novidades anunciadas pela edição é, de fato, feliz na mistura do entretenimento à erudição: o público poderá ganhar ingressos para a feira se participar de um "escape room", aqueles jogos em que grupos são desafiados a sair de uma sala fechada por enigmas, baseado nos aposentos de Johann Wolfgang von Goethe --sim, o autor de "Faus-

Um índice de polêmicas

Divulgação



Maior evento literário do planeta, a Feira de Frankfurt remonta ao século XV quando era uma feira que comercializava livros religiosos

Uma tradição com mais de cinco séculos

Com uma tradição que se estende por mais de 500 anos, a Feira de Frankfurt reúne editores, autores, agentes literários, livreiros e profissionais da indústria do livro de todos os cantos do mundo.

O evento teve início no século XV como um pequeno mercado de livros religiosos. Ao longo dos séculos, ele se expandiu e se tornou um ponto de encontro para a comunidade literária internacional. A feira desempenha papel crucial na disseminação de ideias e na promoção da cultura escrita.

A Feira de Frankfurt tornou-se o principal local para editores fecharem negócios e adquirirem direitos de publicação de novos títulos. Além disso, profissionais da indústria do livro conectam-se com colegas de diferentes países e estabelecer novas parcerias.

Muitos autores aproveitam a feira para lançar seus novos livros e promover suas obras, já que a feira é tida como um termômetro das tendências do mercado editorial. A feira oferece também uma vasta programação cultural, com palestras, debates e apresentações literárias.

to", aliás nascido em Frankfurt.

Na programação, ainda se destacam autores como a americana Anne Applebaum, uma das estudiosas mais sofisticadas do autoritarismo, prestes a publicar o novo best-seller "Autocracia S.A." no Brasil, e o israelense Yuval Noah

Harari, o intelectual do fenômeno "Sapiens" que acaba de lançar "Nexus" em mais de 20 traduções simultaneamente, em setembro.

Pois é, o livro saiu quase no mundo todo - e negociações como essa, muitas vezes, germinam de Frankfurt.

ENTREVISTA / LUCIANO VIDIGAL, CINEASTA, ATOR, ROTEIRISTA E DIRETOR TEATRAL

Cláudio Andrade/Divulgação Festival do Rio

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Depois de dar à competição nacional do Festival do Rio sua imagem mais linda – uma visão da malha ferroviária de Mesquita, onde uma avó cadeirante e seu neto zeloso olham a cidade do alto, vendo o trem passar –, a aula de lirismo chamada “Kasa Branca” não poderia ter destino melhor que a coroação de seu realizador, Luciano Vidigal, com o troféu Redentor de Melhor Direção. Ganhou ainda as láureas de Melhor Fotografia (Arthur Sherman), Trilha Sonora (Guga Bruno e Fernando Aranha) e Ator Coadjuvante (Diego Francisco). No próximo dia 24, às 21h45, no Espaço Augusta 1, a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo vai imergir na paisagem da Chatuba retratada por ele. Será a vez de a plateia paulistana entender toda a poesia que o cineasta (também ator, roteirista e diretor teatral) de 44 anos imprimiu em seu primeiro longa-metragem de ficção solo.

Cria do coletivo carioca Nós do Morro, egresso do mesmo Vidigal celebrizado em seu sobrenome, Luciano já havia conquistado holofotes no passado ao dirigir as curtas “Lá do Alto” (2015) e “Neguinho e Kika” (2005), além de ter rodado um dos episódios de “5xFavela, Agora Por Nós Mesmos”, lançado no Festival de Cannes, em 2010.

“Estou muito feliz em estar com quatro Redentores, pois o Festival do Rio é uma grande vitrine”, comemora o artista, que atuou em sucessos como “Tropa de Elite 2” (2010) e codirigiu o .doc “Cidade de Deus: 10 Anos Depois” (2013), com Cavi Borges.

A vertente histórica do naturalismo, que vem lá da prosa literária, com “O Cortiço”, é usa-



Luciano Vidigal com o troféu Redentor de Melhor Direção por ‘Kasa Branca’, um olhar de lirismo para realidades periféricas

‘Periferia é a possibilidade de sonhar’

da por Vidigal em “Kasa Branca” numa perspectiva solidária (e não catastrofista), a fim de ilustrar a vida de três jovens amigos num cotidiano de reeducação afetiva: Dé (Big Jaum), Adrianim (Diego Francisco) e Martins (Ramon Francisco, hilário). O trio vive os perrengues de uma cidade que isolou bairros e municípios distantes do mar, padecendo de um serviço de saúde deficitário na rede hospitalar pública. Apesar das várias dificuldades, aquela galera não esmorece. Nem Luciano, que conversou com o Correio da Manhã sobre sua consagração.

Que Rio que você retrata em “Kasa Branca” e que doçuras e

delicadezas ele tem?

Luciano Vidigal: Cinema também é território. Esse filme tem uma coisa que eu resalto muito: tem o corpo preto jovem ali, numa narrativa de amizade. Tem ainda uma relação da avó em iminência da morte com seu neto. Esse filme é uma narrativa de afeto, é um cinema que busca poesia. Fiz questão de filmar a Baixada Fluminense, em Mesquita, na Chatuba, porque a gente sabe o quanto os poderes públicos são ausentes lá, mas a gente tem um povo muito poético e muito potente. O filme criou uma relação com o trem, que virou um personagem. Sempre busquei na decupagem de fotografia, no roteiro, nos planos gerais, no que fosse...

trazer a poesia da Baixada. O mundo precisava conhecer esse lugar. Queria mostrar esse Rio de Janeiro potente, que é poético e que não tem ainda uma visibilidade democrática no audiovisual.

O quanto daquela geografia conversa com o seu território de berço?

Tem uma frase do Mano Brown que eu adoro. “Favela é favela em qualquer lugar, agora a gente tem que conhecer, tem que saber entrar e conhecer a cultura do lugar”. A gente é semelhante, só se diferencia na questão cultural, mas a favela tem autenticidade, tem originalidade, tem dialetos, e eu cresci com isso. Sou cria do Vidigal. O lugar

em que eu moro se chama Jacobal, que hoje, na verdade, é chamado de Casa Verde. Fica no alto do Vidigal. Tenho uma visão muito alta do Rio de Janeiro e não é à toa que o nome da minha produtora se chama Do Alto Produções, porque a favela me deu essa amplitude de ver a cidade do alto. A nossa semelhança com a Chatuba está nos becos e nas vielas, nos campos de várzeas, nos mata-gais, nas ruas de barro, nas ruas de asfalto. Isso tudo eu achei na Chatuba. Adoro botar a câmera nesses lugares e fazer com que o mundo enxergue a poesia que esses espaços têm.

O que a palavra periferia representa para você?

Periferia é a possibilidade de sonhar. Periferia significa resistência, significa ancestralidade, diversidade. Tem uma filosofia africana, o Ubuntu, que diz: “eu sou porque nós somos”. A periferia me trouxe muito esse lugar do coletivo. Sou cria de favela. Falo que faço cinema do povo para o povo. É o filho da empregada contando a história do povo. A nossa identificação está aí na origem. Eu fui um menino muito pobre, mas a gente resistiu com muito afeto, muito amor, com sonhos, e cá estou eu, filmando. O grupo Nós do Morro, que está comemorando 38 anos de resistência, possibilitou que eu sonhasse.

O que o Nós do Morro simboliza dentro da construção simbólica da periferia?

É um grupo pioneiro. Uma ação sociocultural, artística, que está fazendo 38 anos dentro de uma favela. É um projeto que saiu de um lugar marcado por problemas econômicos, de renda aquisitiva muito baixa, mas geograficamente muito lindo, que revelou astros. O que é mais importante dizer sobre o grupo é que a qualidade quebra paradigma. A qualidade do seu trabalho, da sua arte, traz a inclusão, ela quebra paradigma. Aprendi com o Nós do Morro a procurar fazer filmes que tenham qualidade. É meu berço, minha família.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Cerca de oito meses depois de sua passagem pela abertura da Berlinale, lá em fevereiro, “Pequenas Coisas Como Estas” (“Small Things Like These”) viu seu cacife comercial subir após a consagração de seu protagonista, o irlandês Cillian Murphy, no bonde dos Oscars dados a “Oppenheimer”, que lhe rendeu a estatueta de Melhor Ator. Desde então, ele se meteu a filmar a sequência do cult “Extermínio” (2002), chamada “28 Years Later”, e um filme ligado à série “Peaky Blinders”, batizado “The Immortal Man”.

Depois de uma longa espera pelo drama que o levou ao abre do Festival de Berlim, o Brasil vai finalmente poder conferir essa produção a partir desta quinta-feira, na grade da 48ª Mostra de Cinema de São Paulo. Cillian poderá ser visto às 20h50, no Kinoplex Itaim 1, e na sexta, às 19h15, no Cinesesc.

Vilão da franquia “Batman”, sob a máscara do Espantalho, o ator vive um momento de apogeu, aos 48 anos, numa trajetória repleta de acertos. Ele foi o protagonista de um drama político responsável pela primeira Palma de Ouro dada ao marxista Ken Loach: “Ventos da Liberdade” (2006). Só isso já valeria para ampliar sua fama.

Se não bastasse toda a sua aclamação no telona, ele ainda faz sucesso no streaming (via Netflix) com a já citada “Peaky Blinders”, trama mafiosa que, de tão aclamada, inspira uma linha de camisetas estampadas com o rosto do ator. Tem até bonecos dele à venda em sites como o Magalu. Na capital alemã, durante a projeção de “Pequenas Coisas Como Estas”, na disputa pelo Urso de Ouro, tinha gente carregando cartazes dele para os cinemas da Berlinale, em busca de um autógrafa.

Apesar de sua narrativa intimista e de temas ásperos (aborto, violência clerical, pobreza), o longa-metragem, dirigido por Tim Mielants, vindo da Irlanda, adquiriu um status de espetáculo em função da presença do

Cillian Murphy, **um reator** para a Mostra de SP

‘Pequenas Coisas Como Estas’ leva Cillian Murphy à Irlanda dos anos 1980 numa trama sobre os bastidores da Igreja

Protagonista de ‘Oppenheimer’, ator irlandês, famoso pela série ‘Peaky Blinders’, entra na grade da maratona paulista com ‘Pequenas Coisas Como Estas’, sobre delitos da fé

astro de “Oppenheimer”. Em janeiro, Cillian ganhou o Globo de Ouro pelo papel do inventor da bomba atômica, às vésperas do anúncio de “Small Things Like These” como abre da maratona germânica de onde o longa saiu com o Urso de Prata de Melhor Coadju-

vante para Emily Watson.

“Quería muito trabalhar com Tim de novo, depois do que fizemos no set de ‘Peaky Blinders’, e saímos em busca de um projeto que nos tocasse até que minha mulher me sugeriu a literatura de Claire Keegan”, disse Murphy, ovacionado na Berlinale.

O best-seller homônimo de Claire foi a base de “Pequenas Coisas Como Estas”, cuja produção é assinada pelos atores Matt Damon, Ben Affleck e pelo próprio Cillian, que protagoniza o filme no papel de Bill Furlong, chefe de um entreposto de carvão. Às vésperas do Natal de 1985, ele se dá conta de segredos de sua comunidade, envolvendo uma atitude dominadora da Igreja envolvendo adolescentes grávidas. É uma alusão ao caso conhecido como As Irmãs Madalena, no qual jovens eram escondidas em conventos, por freiras, e tinha seus bebês confiscados. Emily Watson é a (assustadora) religiosa que entra em choque com Furlong.

“A arte pode ser um alívio para as feridas”, disse Murphy.

Parceiro de Cillian em “Oppenheimer”, Damon passou por Berlim para assegurar uma acolhida mais serena a um longa polêmico. “Com esse time de artistas envolvidos, meu trabalho era apenas facilitar o ambiente para todos”, disse Damon, em Berlim.

Na sequência do Festival do Rio, a Mostra de São Paulo se impõe como o novo epicentro dos debates estéticos do cinema no país, inaugurando sua programação nesta quarta-feira com “Maria Callas”, do chileno Pablo Larraín, que foi indicado ao Leão de Ouro de Veneza, em agosto. A cerimônia de abertura acontece às 20h, na Sala São Paulo, com apresentação de sua diretora geral e curadora, Renata de Almeida, e do apresentador Serginho Groisman.

Estrelado por Angelina Jolie, “Maria Callas” faz um relato fictício dos últimos dias de vida de uma das mais celebradas cantoras de ópera da História. A trama acompanha a última semana da soprano na Paris dos anos 1970 e perpassa memórias, retratando seus amigos, seus amores e sua voz.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Foi um francês, o dramaturgo Jean Anouilh (1910-1987), autor de “O Viajante Sem Bagagem”, quem cantou a pedra: “Existe o amor, é claro, e existe a vida, sua inimiga”. Essa percepção foi combatida pelo cinema de muitas formas, sobretudo pelo filão apelidado graciosamente de RomCom, a comédia romântica, que teve “Uma Linda Mulher” (1990) e “Sintonia de Amor” (1993) como ápices – em Hollywood, pelo menos.

Bem antes disso, o Brasil cravou “Todas as Mulheres do Mundo” (1966), de Domingos Oliveira, e a França teve François Truffaut, e seu monumental “A Mulher do Lado” (1981). É de lá mesmo, de terras francesas, que chega em nossas telas, com quase dois anos e meio atraso, um dos mais brilhantes exemplares das narrativas sobre o querer feitas para o audiovisual dos dias atuais: “Crônica de uma Relação Passageira”. Seu lançamento por aqui está agendado para o próximo dia 24.

No sapatinho, sem fazer alarde, o trabalho mais recente do cineasta Emmanuel Mouret virou cult no âmbito dos afetos. Nasceu na mostra Cannes Première de 2022 e passou por aqui na Mostra de São Paulo do ano retrasado e, depois, no Festival Varilux de 2023, sem, de fato, estreiar comercialmente.

“Chronique d’une Liaison Passagère” (seu título original) vendeu cerca de 320 mil ingressos em solo francês, um ano e meio após a consagração de Mouret com “Les Choses Qu’On Dit, Les Choses Qu’On Fait”, considerado sua obra-prima. A desenvoltura dele no terreno da RomCom é surpreendente, a se julgar pelo estilo de recorrente azedume de seus filmes. O que ele arranca de Sandrine Kiberlain e Vincent Macaigne evoca Meg Ryan e Tom Hanks em longas como “Mensagem Pra Você” (1998).

“A dinâmica deste filme é livre, operando com uma mulher que se reconhece autônoma, sem amarras, e um homem que se sente culpado por desejar-la”, disse Sandrine ao Correio da Manhã em Paris, durante o fórum Rendez-vous Avec Le Cinéma Français. “O que me atraiu para esse projeto foi a possibilidade de construir uma figura feminina que, apesar de conhecer o medo da solidão, escolhe viver”.

Macaigne virou seu ator assinatura. Barbudinho, taquicárdico, sem prumo



Na sintonia do amor de Mouret, Sandrine Kiberlain e Vincent Macaigne evocam Meg Ryan e Tom Hanks

O modo francês de amar

Revelado por Cannes há dois anos, ‘Crônica de uma Relação Passageira’ chega enfim ao Brasil propondo uma reciclagem dos códigos da comédia romântica



Divulgação

em suas incertezas e falador, ele encarna o obstetra Simón, a quem transforma num ímã de gargalhadas. A gente ri de nervoso com as inseguranças dele ao conjugar o verbo “eu quero”. Na trama, ele, casado e pai, passa a arrastar um caminhão por uma mulher empoderada, mãe solteira e cheia de certezas chamada Charlotte, interpretada pela campeã de bilheteria Kiberlain. Durante a sessão do longa em Cannes, o Palais des Festivals vinha abaixo de rir com os dois. Sua dramaturgia se estrutura sobre um acordo que os dois travam para transarem sem culpa: vai ser passageiro. Deveria. Mas, não é. E a delicadeza com que Mouret, à direção, explora o modo nada barthesiano com que o discurso amoroso se fragmenta é envolvente.

“Existem diretores cinéfilos que bus-

cam reproduzir na tela aquilo que eles viram de melhor, e há cineastas como eu, que exploram a liberdade, que buscam a surpresa, ainda que sob a luz do que viram antes”, disse Mouret ao Correio, também no Rendez-vous. “Existe um gênero, o ‘filme de amor’, que já passou por Woody Allen, por Truffaut, mas existe algo além. Existe a moral que nos prende a uma forma de querer”.

Em 2021, ele reinou nas indicações ao César. O Oscar à francesa é entregue desde 1976 pela Académie des Arts et Techniques du Cinéma, nos mesmos moldes da Academia de Hollywood. Trata-se de um troféu de bronze estimado em cerca de € 1,5 mil, batizado com o nome de seu escultor, César Baldaccini (1921-1998), artesão do Nouveau Réalisme europeu. Mouret brigou por esse troféu em várias frentes ao se apoiar na tese de que a paixão é um analgésico para as dores do mundo, expressa no drama “Les Choses Qu’On Dit, Les Choses Qu’On Fait”. Sua narrativa mostra o encontro inesperado entre dois jovens que se apaixonam, mesmo ela já estando envolvida com um outro homem, de quem está grávida.

“Existem códigos que levamos para o dia a dia de nossas relações que nasceram com o cinema, em tela grande, como troca simbólica. Mas nós repetimos esses elementos simbólicos na vida real. A maneira como o cinema afetou a realidade consciente que vivemos me faz pensar que não há apenas sexo envolvido na aproximação entre duas pessoas, há um sentimento de pertença, existe um carinho”, diz o cineasta. “A maneira que eu tenho para expressar essa relação é pelo lirismo, que pode ser triste, sem perder seu vigor”.

Divulgação Apple TV



Harrison Ford e Jason Segel, criador da série, vivem dois terapeutas de diferentes gerações cujas fragilidades são expostas em cena. O veterano estreia em seriados com seu primeiro papel cômico

Por Thales de Menezes (Folhapress)

Depois de uma surpreendente e triunfal primeira temporada, a AppleTV+ disponibiliza os dois episódios que abrem o segundo ano de “Falando a Real”, que provou ser muito mais do que a estreia do mito Harrison Ford numa série de comédia. Criada e protagonizada por Jason Segel, a produção segue demonstrando uma infindável capacidade de fazer humor com temas potencialmente depressivos, como luto e transtornos mentais.

Segel interpreta Jimmy Laird, psicoterapeuta que, após a morte da mulher, decide ser completamente honesto com seus pacientes e falar tudo o que pensa do comportamento deles. Esse nada ortodoxo método de tratamento provoca consequências brutais e engraçadas na vida de todos.

Segel diz que seus anos de análise alimentam a série e que ele gosta de pensar que o comportamento de Jimmy pode avançar o processo. “Em várias fases de terapia, meus problemas apareciam, para sumir e depois voltar. Um looping, entende? Alguns pacientes fazem terapia por anos e anos e não saem do lugar. Essa é uma angústia que toma conta de Jimmy.”

O ator acredita que a terapia baseada na relação absurdamente franca alcança naturalmente uma grande carga de humor. “Quanto mais honesto ele é, mais engraçado fica”, avalia Segel, que não parece preo-

A franqueza total como ferramenta de terapia

Harrison Ford e Jason Segel riem do universo das terapias em ‘Falando a Real’

cupado que o personagem possa quebrar limites que mantenham sua credibilidade como terapeuta junto ao público.

“Temos consultores, claro, mas quando Jimmy começa sua transição para um terapeuta nada convencional, é natural que vá quebrando os limites do que seria recomendável. O humor nasce dessa quebra. O importante é que Jimmy continua preocupado com as consequências disso para cada um de seus pacientes.”

Os produtores Bill Lawrence e Brett Goldstein, vindos do enorme sucesso da incensada série “Ted Lasso”, dividem a cria-

ção com Segel. Lawrence diz sempre acreditar que o público sabe que Segel não é um terapeuta de verdade. Ele o compara aos personagens de outra comédia de sucesso criada por ele: “Scrubs” (2001-2010), protagonizada por médicos novatos.

“Creio que as comédias têm a intenção de desmistificar atividades profissionais. Jimmy vai quebrar limites, claro. Mas sempre tendo de arcar com as consequências do que faz. Os jovens médicos de ‘Scrubs’ eram um pouco loucos, mas estavam ali para salvar todos os doentes. Jimmy também quer o melhor, só está um pouco per-

didado na maneira de fazer isso. Talvez esse seja o único limite a não ser quebrado: ter a preocupação de ajudar os outros.”

Segel concorda: “Eu já fiz muita bagunça na vida, emocionalmente falando. Cometi muitos erros. Mas o que eu quero em Jimmy é alguém que esteja dando seu melhor para fazer as coisas certas. Vai conseguir? Não sei, o importante é ele dar tudo, não ter medo de tentar”.

Na primeira temporada, “Falando a Real” contou com um fator surpresa que sozinho já garantiria muita atenção: a estreia de Harrison Ford num papel cômico. Han Solo e Indiana Jones certamente tiveram muitas e boas piadas em seus roteiros de aventura, mas ver um ícone do cinema de ação numa comédia urbana, sem situações mirabolantes, foi algo inédito e que ganhou totalmente o público.

Ford interpreta Paul Rhoades, terapeuta veterano que trabalha numa mesma clínica com Jimmy e tem um papel de tutor junto ao colega. Na relação, Paul chama Jimmy o tempo todo de “garoto”, mas a série evita dar um tom paternal ao papel de Ford. “Meu personagem é mais como um irmão caçula do personagem dele”, diz Segel.

A imprensa que cobre entretenimento destacou muito o fato de Ford ser muito brincalhão durante as filmagens, o tempo todo. E o grande alvo de suas piadas, segundo testemunhas no set, é Segel. Para o protagonista, ter a aprovação de uma lenda das telas era essencial e ele considera esse bom humor o melhor atestado que poderia receber. “Se ele brinca comigo o tempo todo, para mim é um sinal de que está gostando, não? Temos hoje uma amizade muito forte.”

A lista de elementos potencialmente depressivos na série também alcança Paul Rhoades, que sofre de Parkinson. “A vulnerabilidade dos personagens é uma peça-chave na série. Jimmy e Paul são homens maduros numa profissão que o senso comum espera ser exercida por gente segura de si. Então a vulnerabilidade deles é fundamental para abrir a história ao inesperado, criar o humor”, define Segel.

Lawrence acredita que Paul vai apresentar nuances diferentes na segunda temporada. “No primeiro ano, os roteiristas estavam nervosos ao escrever as falas dele. É o preço de você ter uma lenda no set. Agora eles estão mais confiantes para criar as situações para o personagem dele. No ano passado, Harrison confiou totalmente em nós, enquanto estávamos tentando de certa forma protegê-lo. Havia o medo de dar uma cena ruim para um ícone como ele.”

Criador e criatura em estado de êxtase

Encerrando a circulação nacional de enorme sucesso, o premiado solo musical de Luciana Braga, que entrelaça sua vida com a de Judy Garland, retorna ao Teatro Vannucci

Quando convidou Luciana Braga para montar “Judy: o Arco-Íris é Aqui”, o diretor e autor Flávio Marinho já tinha uma boa expectativa, mas foi durante os ensaios que ele sentiu que realmente tinha algo especial em mãos. Embora ainda não pudesse imaginar que o sucesso do espetáculo seria tão estrondoso, hoje criador e criatura celebram a vida longa - e bem sucedida - do espetáculo, indicado e vencedor de prêmios que teve plateia cheia em diversos estados do Brasil.

A peça encerra a circulação nacional com uma temporada na cidade onde tudo começou: o espetáculo volta à cena a partir desta quarta-feira, às 19h30, no Teatro Vannucci, no Shopping da Gávea.

Tanto os fãs do musical, quanto o público que ainda não conseguiu assisti-lo terão agora a possibilidade de conferir a montagem de quarta a sexta-feiras até o dia 29 de novem-



Luciana Braga vive Judy Garland no premiado musical de Flávio Marinho: ‘É um musical solo que exige muito de mim fisicamente’

bro. “Eu e Flávio tivemos esse desejo de encerrar a carreira de ‘Judy’ no Rio, pois iniciamos a temporada ainda em meio à pandemia e muita gente não conseguiu assistir. É uma alegria terminar onde começamos. Eu já havia feito musicais, mas nada nesta proporção. Acho que surpreendi algumas pessoas que não sabiam que eu cantava. Fui indica-

da a prêmios com atrizes consagradas no teatro musical! Bacana demais!”, celebra Luciana Braga, que segue cantando ao vivo em cena e sendo acompanhada pelos músicos Liliane Secco e André Amaral.

Contabilizando dois anos e meio em cartaz ao final desta temporada derradeira, a montagem que abriu suas cortinas pela pri-

meira vez no dia do centenário da lendária atriz e cantora americana Judy Garland fecha seu ciclo de apresentações trazendo prêmios na bagagem: o de Melhor Atriz para Luciana Braga na Festa Internacional de Teatro de Angra (Fita) 2023 e de Melhor Texto para Flávio Marinho no Prêmio APTR de Teatro e também pela Fita.

Entrelaçando a biografia de Judy Garland com a história pessoal de Luciana Braga, numa metalinguagem que navega entre passado e presente, ficção e realidade, o musical procura mostrar a notável capacidade do ser humano em se reinventar e descobrir, assim como Judy, algo que está em cada um de nós.

Resistente de início a fazer a peça, Luciana foi convencida em meio à pandemia de covid-19 por Flávio Marinho, com quem já possui uma parceria de trabalho de 25 anos. “O encontro de Judy com a Luciana superou todas as minhas expectativas. Ela se preparou como uma atleta com o professor de canto Felipe Abreu e apresenta um trabalho irreparável. Acho que o público se identifica com a vida das artistas Judy e Luciana porque, como elas, todo mundo ama, casa, separa, trabalha, é demitido, tem pai que morre, mãe que atrapalha... Quer dizer, artista ou não, no fundo todo mundo é igual”, comenta o diretor e autor.

“Judy’ é um musical solo e exige muito de mim fisicamente. Além do mais, tem bastante da minha vida pessoal e a minha natureza é discreta. Cada espetáculo é um desafio, mas é maravilhoso ter essa experiência nessa altura do campeonato”, reforça Luciana. “É uma sensação de imensa alegria e de missão cumprida. O espetáculo foi tão bem recebido por onde passou que queríamos fechar a tampa dele onde tudo começou”, comple Marinho, realizado com o trabalho. “Eu tô besta com o que tá acontecendo comigo: na minha idade (faço 70 ano que vem) e com 37 anos de carreira, era pra eu estar começando a descer ladeira abaixo e, na realidade, me sinto em plena potência criativa. E muito feliz”, comemora o autor e diretor.

SERVIÇO

JUDY - O ARCO-ÍRIS É AQUI
Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso)
Até 29/11, quartas e quintas (19h30) e sextas (17h)
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Divulgação

© BETI MEYER

Óskar Sjostedt/Divulgação



Olhos, 2022

Óskar Sjostedt/Divulgação



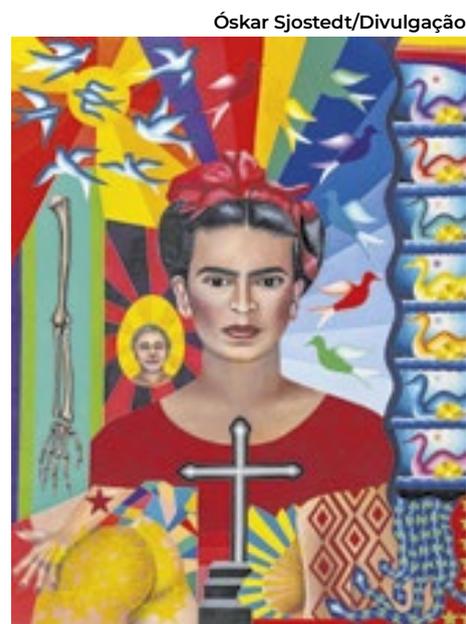
A Mão Que Afaga, 2023

Com licença, sr. Rousseau

Nova individual de Edmilson Nunes parte das reflexões filosóficas do pensador francês do século 18

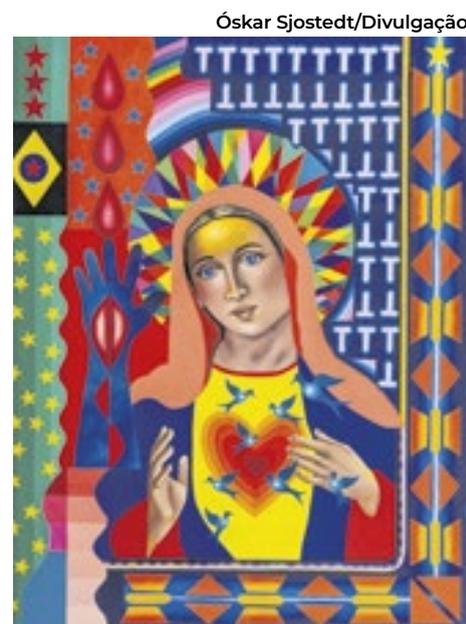
Nos últimos quatro anos Edmilson Nunes esteve focado numa intensa produção, com pausa e movimento, pintando e caminhando, descansando e voltando às telas. Nesse vai e vem, o artista produziu diversos trabalhos e apresenta 12 pinturas de grandes dimensões na exposição Devaneios de um Caminhante Solitário, que estreia nesta quinta-feira (17) na Real Galeria de Arte Contemporânea, em Copacabana.

O título da mostra foi inspirado no livro de Jean-Jacques Rousseau com mesmo nome, escrito entre 1776 e 1778, um mis-



Frida, 2023

to de ensaio filosófico e diário que retrata dez caminhadas meditativas do autor por bosques e campos. “Peço licença ao filósofo para apresentar um projeto de pinturas que me remete ao imaginário psicológico vivido por ele. Diante de certa angústia e caminhadas diárias, olhando e sentindo a



Retrato de Maria, 2023

natureza os meus trabalhos foram construídos”, explica o artista.

Nas novas obras, Edmilson deixa de lado os tecidos, bordados, pregos e madeiras tão frequentes em seus trabalhos e cria a partir de recortes de revistas e outras publicações, agrupadas, sem lógica prévia. A tinta sobre

o tecido e a escala das imagens, ampliadas de cinco a dez vezes, concluem as pinturas.

Entre os destaques da mostra, uma Frida Khalo colorida de 2 x 1,60 metros, e uma recriação de Nossa Senhora, ambas de 2022. “Gosto desse tema do paralelo entre sexo e religião e trago isso no meu trabalho desde a década de 1990. Quero mostrar o belo, o generoso”, conta o artista, que tem obras em importantes coleções brasileiras, como Gilberto Chateaubriand, João Sattamini - Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro, na Galeria Anna Maria Niemeyer e no MAR - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Formado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Edmilson nasceu em Campos dos Goytacazes, em 1964. Vive e trabalha em Maricá. Fez curso de pintura na Escola de Belas Artes da UFRJ (EBA) e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Já fez pinturas e esculturas para o carnaval do Rio e cenário para teatro, cinema e publicidade.

SERVIÇO

DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500 - Copacabana - dentro do Real Residence Hotel)

Abertura: 17/10, às 18h

Visitação: de 18/10 a 31/1, de segunda a sexta (12h às 17h). Os horários também podem ser agendados pelo telefone (21) 2546-6565. | Entrada franca